



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Uma cartografia das vivências em um grupo de teatro¹

Por: Evandro Santana Silva²
evandrosantana13@yahoo.com.br

“Jamais interprete, experimente”.

Gilles Deleuze

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar os resultados de uma pesquisa de campo realizada com um grupo de teatro inserido no Programa do Centro de Referência de Assistência Social, na cidade de Moema, situada na região Centro-oeste de Minas Gerais. O método de pesquisa utilizado foi a cartografia, formulada por Gilles Deleuze e Félix Guattari, para o acompanhamento das relações entre os integrantes do grupo e seus processos de subjetivação em interface com o dispositivo Teatral.

Palavras-chaves: Cartografia; Grupo; Processos de subjetivação; Pesquisa; Teatro.

1 Tema referente a um Trabalho monográfico cujo título original é: “DEVIR e ARTE, uma cartografia das vivências em um grupo de teatro”.

2 Psicólogo Clínico, formado pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-MG. Atuante no Núcleo de Apoio Saúde da Família (NASF) na cidade de Arcos/MG, e no Instituto de Reabilitação Maria Soares na Cidade de Moema/MG.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Abstract

The objective of this paper is to present the results of a field survey of a group of theater inserted in the Social Assistance Reference Center Program in the city of Moema, located in the Midwest region of Minas Gerais. The research method used was mapping, formulated by Gilles Deleuze and Felix Guattari, for the monitoring of relations between the group members and their subjective processes interface with the theatrical device.

Keywords: *cartography; Group; Subjective processes; Research; Theater.*

Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados da pesquisa realizada com um grupo de teatro inserido no programa do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), localizado em Moema, cidade do interior de Minas Gerais. A pesquisa utilizada foi a Cartografia, método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, através do qual foi possível acompanhar as experiências vivenciadas pelos integrantes do grupo na tentativa de compreender a produção dos processos subjetivos destes pelos interstícios de suas relações interpessoais através do dispositivo artístico. O método cartográfico visa acompanhar processos, não representar um objeto. Trata-se de uma pesquisa de campo desenvolvida para o estudo da subjetividade e não tem como objetivo definir regras



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

abstratas a serem aplicadas no campo de estudo.

Os integrantes do grupo são compostos por crianças e adolescentes em vulnerabilidades sociais assistidos pelo CRAS, passaram por experiências de abandono dos pais, tentativas de autoextermínio, dificuldades financeiras, relações sexuais precoces e tantas outras. São criativos e cheios de vitalidade e, mesmo diante de suas experiências traumáticas, não desistem; buscam a todo momento novas formas de enfrentamento, superação e possibilidades, num intenso encontro com a existência.

A dinâmica da pesquisa foi desenvolvida através de literaturas, filmes, brincadeiras, encenações e interpretação de textos de teatro a partir dos quais foi feita a seleção dos registros das vivências para a descrição cartográfica.

Quanto à estruturação desta escrita, está pautada em três momentos. No primeiro, são apresentados sinteticamente os fundamentos teórico-práticos que sustentam a análise em questão. Em seguida, a descrição do grupo e suas composições afetivas. A título de considerações finais, são desenvolvidas algumas questões centrais do trabalho e indagações provocadas pela investigação.

A pesquisa cartográfica e seus pilares

O método cartográfico visa estudar a produção subjetiva de uma pessoa ou um grupo. Para Deleuze (1992), um processo de subjetivação diz da produção de sentido como modo de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

existência, e não deve ser confundido com o sujeito que o produz. “Não há sujeito, mas uma produção de subjetividade.” (DELEUZE, 1992, p. 141). A subjetivação nada tem a ver com a pessoa: ela é uma individuação, particular ou coletiva, que caracteriza um acontecimento. A pesquisa cartográfica trata-se de uma pesquisa-intervenção que “pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas nem com objetivos previamente estabelecidos.” (PASSOS; BARROS, 2010, p. 17). Sua construção se dá caso a caso, o que não impede que se procure estabelecer algumas pistas que têm em vista descrever, discutir e, sobretudo, coletivizar a experiência do cartógrafo.

Trata-se de um campo de estudo da subjetividade que, contrário aos métodos de pesquisa científica quantitativa e/ou qualitativa, não define a priori um conjunto de regras a serem aplicadas em busca de um objetivo.

[...] não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa. A diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados. (PASSOS; BENEVIDES, 2009, p. 17).

Por este viés, a experiência do pesquisador no campo é coletivizada, não há separação entre o cartógrafo e o campo de pesquisa, o que possibilita uma construção e produção de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sentidos a partir da experiência direta com as pessoas e seu território existencial para, então, produzir um conhecimento advindo diretamente da experiência.

Assume-se aqui que toda pesquisa é intervenção, “pois a intervenção sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção ou de coemergência.” (PASSOS; BARROS, 2010, p. 17). E é nesse plano da experiência que a cartografia como método de pesquisa é traçada, acompanhando os efeitos emergentes sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento que se dá no próprio percurso da investigação. Segundo Benevides (2009), a presença de outros, como expressão dos mundos possíveis e a presença de outro, como duplo em seu movimento de desidentificação, criam passagens para o trabalho analítico desnaturalizador que se pretende. A autora ainda salienta que este trabalho não é propriedade do analista, pois, também participam dele as intervenções dos demais participantes e a ação dos analisadores.

Uma vez que conhecer e fazer se tornam instâncias inseparáveis, a defesa de que “toda pesquisa é intervenção” exige do cartógrafo que, ao mergulhar no plano da experiência, abstenha-se de qualquer pretensão à neutralidade. Ou, como afirma Passos e Barros (2009), o cartógrafo abstém-se de impedir a suposição de um sujeito e de um objeto cognoscentes prévios à relação que os liga. Portanto, pode-se considerar que conhecer é fazer e criar uma realidade de si e do mundo.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Quando já não nos contentamos com a mera representação do objeto, quando apostamos que todo conhecimento é uma transformação da realidade, o processo de pesquisar ganha uma complexidade que nos obriga a forçar os limites de nossos procedimentos metodológicos (PASSOS; BARROS, 2009, p. 30).

Nesta perspectiva, o método tem por primado o caminho que vai sendo percorrido sem determinações ou prescrições dadas de antemão. “Restam sempre pistas metodológicas e a direção ético-política que avalia os efeitos da experiência (do conhecer, do pesquisar, do clinicar, etc.), para daí extrair os desvios necessários ao processo de criação” (PASSOS; BARROS, 2010, p. 30).

Quanto a estas pistas, será possível falar de quatro variedades de atenção a serem trabalhadas pelo cartógrafo: o *rastreio*, o *toque*, o *pouso* e o *reconhecimento atento*. Estas variedades de atenção não seguem nenhuma ordem hierárquica, podendo ser utilizadas aleatoriamente.

Kastrup e Barros (2009) sublinham que o *rastreio* é um gesto de varredura do campo que visa uma espécie de meta ou alvo móvel, cabendo ao cartógrafo habilidade para lidar com metas em variação contínua, entrando em campo sem conhecer o alvo a ser perseguido, que surgirá de modo imprevisível. Rastrear significa também acompanhar as mudanças de posição, de ritmo. A atenção do cartógrafo de início é aberta e sem foco, buscando atingir uma atenção movente e eliminar a intermediação do saber anterior e



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

das inclinações pessoais.

Já o *toque* é quando um acontecimento súbito chama a atenção do cartógrafo, sendo sentido como uma rápida sensação, um pequeno vislumbre, que aciona em primeira mão o processo de seleção. O toque pode levar tempo para acontecer e também pode ter diferentes graus de intensidade, sendo que sua importância no processo da pesquisa de campo revela que possui múltiplas entradas e não segue um caminho unidirecional para chegar a um fim determinado. Logo, “é através do toque, que a cartografia procura assegurar o rigor do método sem abrir mão da imprevisibilidade do processo de produção do conhecimento”. (KASTRUP; BARROS, 2009).

O *pouso*, por sua vez, indica que a percepção, seja visual, auditiva ou qualquer outra, realiza uma parada, e o campo se fecha, numa espécie de “zoom”, e a atenção muda de escala, cabendo sublinhar que o movimento chamado de zoom não deve ser confundido com um gesto de focalização. (KASTRUP; BARROS, 2009).

Por fim, o *reconhecimento atento* não se preocupa com “o que está acontecendo”, e sim “como está acontecendo”. Assim, o reconhecimento atento não visa representar um objeto, pelo contrário, realiza um trabalho de construção; a partir de uma política construtivista, a atenção acessa acontecimentos processuais advindos do território apreendido, como “matérias fluidas, forças tendenciais, linhas em movimento e fragmentos



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

dispersos nos circuitos folheados da memória.” (KASTRUP; BARROS, 2009, p. 49), em que o reconhecimento produzido não resulta da representação de uma realidade preexistente.

Na perspectiva de Kastrup e Barros (2009, p. 59), “o caminho da pesquisa cartográfica é constituído de passos que se sucedem sem se separar. Como um movimento contínuo, cada momento da pesquisa traz consigo o anterior e se prolonga nos momentos seguintes”.

As pistas do método cartográfico orientam o acompanhamento das oficinas de teatro, levadas a efeito através de textos literários, música, poesia, filmes, interpretações de cenas e improvisação, brincadeiras e discussões sobre as vivências cotidianas.

Afirmam Kastrup e Barros (2009, p. 73) que “a processualidade se faz presente nos avanços e nas paradas em campo, em letras e linhas, na escrita, em nós. A cartografia parte do reconhecimento de que o tempo todo, estamos em processos, em obra”.

O Grupo de Teatro

Pois bem, Deleuze afirma que o maior ensinamento da arte é que cada obra é autônoma, insubstituível e única, assim como cada ser. Para ele não há um pensador que não seja um criador de novos mundos, novos conceitos, que não seja ele, um criador de uma nova existência. Este é o pensamento artista, e a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

máxima deleuziana “A existência não como sujeito, mas como obra de arte”, permitiu a este trabalho enveredar-se pelo caminho da vida cotidiana e sua “vontade de potência”.

“A vida como obra de arte” (DELEUZE, 1992) é a expressão máxima desta escrita. Embora reconheça a grandeza das obras primas, o primado deste trabalho tem como foco as expressões sublimes de uma existência da vida comum, do cotidiano, dos ditos não-artistas, não-atores, não-leitores, não-cultos e, por último, dos ditos não-existentes, ou excluídos.

Segundo Schöpke (2004), é pela arte que o homem se cura e se torna, ele próprio, um criador. A arte aqui tem por técnica a expressão singular de cada existir; a experiência e o modo de experimentar que sempre leva ao desconhecido; uma composição de grupo, de afetos vividos sempre em vias de se fazer o novo, o atual. A realidade vivida manifestada pelo processo de puro devir. E isso só é possível a partir da instauração de um dispositivo grupal tal qual o teatro. Torna-se prático pensar este dispositivo artístico como novas formas de cooperação, capazes de potencializar os devires sociais.

Existe, hoje, toda uma corrente que propõe uma arte diretamente política na medida em que ela não mais constrói obras feitas para serem contempladas ou mercadorias a serem consumidas, mas novas formas de relações sociais. (RANCIÈRE, 2005, p. 14).

Se toda arte é um imperativo político, caberá, então



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

“abrir as cenas à vinda daqueles que foram delas banidos: os ditos não-atores, os não-artistas.” (GUÉNOUN, 2004, p. 156-157). Será necessário fomentar uma arte não estereotipada, ou seja, aquela que é criada e inventada pelos artistas da vida comum, e que tais expressões não sejam delimitadas por um palco.

A composição do grupo de teatro em questão, se deu com 10 participantes, sendo 2 crianças com idades de 7 e 9 anos, 7 adolescentes, com idades entre 13 e 16 anos e 1 adulto de 33 anos, mãe de três integrantes do grupo, que gradualmente foi sendo inserida à turma. Sua inauguração aconteceu no mês de Fevereiro de 2011, por iniciativa do CRAS sob a finalidade de projeto social. Nesse sentido, a oficina de teatro inclui-se no Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF), o principal serviço ofertado pelo CRAS, cuja execução é obrigatória e exclusiva. Este serviço consiste em um trabalho de caráter continuado, que visa fortalecer a função projetiva das famílias, prevenindo a ruptura de vínculos, promovendo o acesso e usufruto de direitos e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida.

As relações do grupo, as quais não excluem a pessoa do cartógrafo, tão pouco as atividades realizadas, são intercessoras umas das outras; nesta perspectiva, o território existencial torna-se um dispositivo de encontros potencializadores em que o grupo e seus integrantes são perpassados por atravessamentos existenciais (a relação entre os

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

integrantes do grupo que produzem afetação) através dos quais emergem mudanças (devires). Para Almeida (2011, p.136) “A potência do encontro transborda para fora da subjetividade, vira outra coisa, outro estado, outra saúde”.

Segue-se agora, a cartografia das vivências do grupo. Sobre as pessoas envolvidas, são considerados nomes fictícios; quanto aos relatos, são descritos na íntegra e autorizados pelas mesmas e seus responsáveis mediante a assinatura do “Termo de consentimento livre e esclarecido”. A instituição do CRAS assinou o “Termo de compromisso”.

Experiências e falas do vivido

Gestos de silêncio

Ester é uma mulher de 33 anos que levava seus três filhos aos laboratórios de teatro, e que foi de bom grado aceita pelo grupo. Manifestava-se pouco, tímida, muitas vezes ficava reclusa, apenas assistia; mediante as solicitações das oficinas sempre se negava a falar de si mesma ou a participar de atividades que exigiam a escrita. Num dia como outro qualquer, o monitor pediu aos integrantes que escrevessem uma estória. Como Ester e os demais eram respeitados em suas particularidades, ela não foi inserida na atividade. Então ela perguntou: “Evandro? Posso participar?”. Diante da confirmação, Ester pegou a folha sobre a mesa, foi para um espaço distante do grupo na sala e, depois de terminar a escrita, chamou o cartógrafo em particular



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

e lhe entregou a folha dobrada exclamando em sussurros: “não lê aqui, lê na sua casa”! :

“Minha Vida”

“Minha Vida começou aos 11 anos de idade foi quando comecei a namorar. eu achava que eu estava flutuando numa nuvem. Mas aos quatorze anos eu fugi pra ficar com o {meu marido} porque meus pais não gostavam dele porque ele era pobre mas eu não importo com isto. Meus pais eram muitos rigorosos não deixava eu sair de casa nem numa missa eu podia ir ai foi ai que eu fugi pra ficar com ele, eu achei que eu estava livre mas acabei mas pressa do que eu era. Minha Vida se resume a casa filhos e marido mas eu tinha outros sonhos. eu gostaria de continuar estudando eu queria ser veterinária Mas acabei mais pressa do que eu era. eu sou bem diferente dasoutras mulheres. gosto de cavalos, hoje não ando mais. Mas gosto de fazer tudo isto com o meu marido. Mas ele não está aqui ele esta presso e pra acabar de interrar eu descubro que Ele tem uma amante porque ela estava indo visitar ele La onde ele estava, sabe foi a maior decepção da minha ai eu parei e pensei se tudo o que eu passei durante 18 anos de casado da minha Vida valeu a pena Mas penso dia e noite na minha vida e também Tem os meninos as vezes acho que minha vida não tem sentido Mas mesmo assim eu caso motivo pra seguir em frente mas me fechado dentro do meu proprio mundo. porque. já escutei muitos comentarios maldosos. Por isso não gosto de falar muito sobre minha vida”.

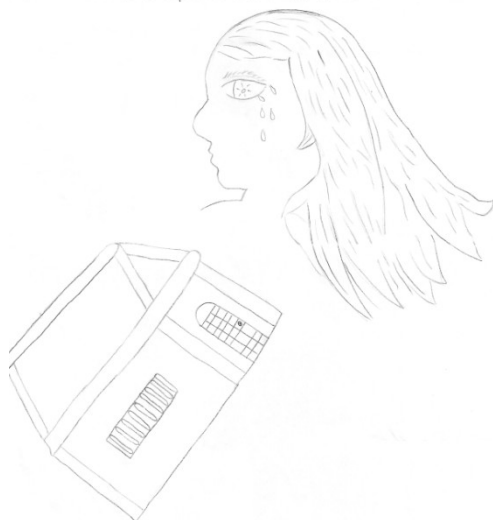


IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Figura 1 - Simbologia de um problema

Por eu não gostar de me expressar meus sentimentos mas este desenho simboliza uma fase, ou uma parte dos meus problemas que eu tenho vivido.



Fonte: Coleta da Pesquisa

Não gostar de falar sobre a própria vida foi uma argumentação de Ester sempre presente no grupo, mas algo a impeliu à escrita sobre si mesma numa espécie de clamor por um possível. Contar, através da escrita, uma trajetória de vida ao cartógrafo, algo que ela não conta ou sobre o qual não tem segurança para falar, até mesmo com pessoas conhecidas, eis aí um diferir-se da própria conduta, algo que lhe escapa, impelindo-a para novas enunciações.

No encontro seguinte, o cartógrafo comentou com Ester, em particular, sobre sua escrita, declarando admiração

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

por ela ter tido coragem em compartilhar um pouco de sua vida. Ela pronunciou um “obrigado” simples e sincero e, desde então, nunca mais falou a respeito do assunto escrito, porém, passou a se envolver mais com as atividades em grupo, sorrindo, pintando os rostos dos colegas, permitindo-se, incluindo-se nos afetos vividos.

Se sujeito e objeto “se fazem juntos, se eles emergem de um plano afetivo” (KASTRUP; BARROS, 2009, p. 73). O relato do encontro entre Ester, sua escrita e o cartógrafo mostra que a pesquisa se faz no movimento de cada palavra, em conexão com o que é experimentado. Nessas oficinas de práticas artísticas, na leitura, na escrita, no desenhar, na poesia, na encenação e/ou interpretação de um texto, necessita-se de atenção ao plano dos acontecimentos; “a oficina, enquanto prática de subjetivação, extrai a função de dispositivo de certos agenciamentos que revelam a potência de fazer falar, fazer ver e estabelecer relações” (KASTRUP; BARROS, 2009, p. 79), até então impensáveis.

Deixa ela, Evandro!

A cartografia do encontro com Paola permite questionar, juntamente com Alvarez e Passos (2009) que é possível conhecer sem se colocar na posição do “saber sobre”, pois cultivar é diferente de dominar e controlar.

Paola tem 13 anos. Nos primeiros seis meses, sempre se negava a participar das leituras dos textos teatrais. Depois



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

deste tempo de negação, ficou claro o motivo pelo qual ela não se manifestava. Em 06/11/11, Paola resolveu participar dos ensaios que requeriam leitura de textos que precisariam ser decorados e interpretados, com uma condição: ela não iria decorar igual aos outros colegas, mas, somente ler no dia da apresentação. Paola, em sua primeira leitura no grupo, demonstrou bastante dificuldade em se expressar verbalmente e, conseqüentemente, em fazer leituras. Estas dificuldades lhes causavam irritabilidade a ponto de agredir verbalmente até mesmo quem demonstrava intenção de ajudá-la. Os colegas riram, o cartógrafo pediu que a respeitassem; Paola então desistiu. Estar frente a outros dispara movimentos inesperados. (BENEVIDES, 2009). O cartógrafo pediu a ela paciência e argumentou que gostaria que ela fizesse a leitura de abertura da peça de teatro que seria apresentada em praça pública, assim que ela se sentisse confortável para ler a seu modo. Duas semanas depois, Paola já queria participar com falas de três personagens que ainda não tinham atores. Paola continuou lendo com a mesma dificuldade, porém, sem mais agressividade, e sem desconforto. Durante leituras posteriores, quando o cartógrafo tentou orientá-la, os colegas não mais riram e, sim, gritaram: *deixa ela, Evandro!!* O “deixa ela” foi a manifestação da aceitação do grupo em relação à Paola na sua dificuldade.

Esta descrição que se passa em um grupo são as conexões estabelecidas, não apenas entre pessoas diferentes, mas

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

também entre modos de existências diferentes. Paola continua sua leitura gaga e trêmula; letras não são pronunciadas, a cedilha não é conhecida pela sua leitura e, em lugar de “proporção”, pronuncia proporção. É perceptível, pelas torções corporais excessivas de Paola, seu desdobramento para ler ao menos um verso sem atropelamentos silábicos. A exigência de fazer uma leitura entendível agora é de uma instância pessoal e não mais da pressão externa; ela se cobra, mas não se sente pressionada pelos colegas, não se sente na obrigação de corresponder a uma exigência que não seja a dela mesma.

Portanto, parafraseando Benevides (2009), o grupo não é um dado, é uma construção, um desenho que se configura a cada situação. É nesta perspectiva, a processual, que é exigida do grupo a abertura que o confronta com capturas coisificantes que determinam seu lugar de objeto de investimento por sujeitos individuados (o que a individuação faz aparecer não é só o indivíduo, mas o par indivíduo-meio) que temem o que vem de dentro e também o que vem de fora, pois os papeis, as identificações, as lideranças são efeitos de produção de um grupo.

O Pequeno Príncipe

Durante uma das oficinas, o cartógrafo, sentindo dificuldade para elaborar um novo conteúdo, levou como alternativa o velho e conhecido livro “O Pequeno Príncipe” de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Antoine de Saint-Exupéry. O monitor propôs a possibilidade de ler em voz alta o primeiro capítulo do livro e, na ocorrência de desagrado por parte dos ouvintes, cessaria a leitura; ao contrário, se gostassem, a leitura continuaria com a intenção de fazer recorte da obra para adaptação teatral.

O grupo consentiu. Cabe ressaltar que, neste dia, além do cartógrafo, estavam presentes apenas três integrantes. Os demais estavam participando do evento de Folia de Reis. Deu-se início à leitura do primeiro capítulo para Peter, 14 anos, Bárbara, 15 anos e Ester de 33 anos.

Sentados em círculo, sob troncos debaixo das árvores de um bosque, cujo solo era camuflado por folhas secas, chegou-se no último verso daquele capítulo; o leitor fechou o livro e, antes mesmo de ser feita a pergunta sobre a continuidade da leitura, ouviu-se em coro o grito: “*continua Evandro!*”. Prosseguiu então a voz que lia pausadamente as palavras que se misturavam com o cantar dos pássaros e a orquestração aguda das cigarras. No período de uma hora e meia, dez capítulos ininterruptos foram lidos. Bárbara, sentada com os cotovelos sobre os joelhos e as mãos sob o queixo envolvendo todo o rosto olhava cintilante soltando gargalhadas de entendimentos. Peter fixava os olhos na capa do livro, absorto pelas palavras que saltavam das páginas. Ester possuía um semblante sereno e um olhar longínquo, ao ouvir o leitor pronunciar as palavras daquela criança tão genial que era o pequeno príncipe.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A leitura durou três domingos, e aquelas pessoas que nunca haviam lido, a não ser pela exigência do colégio onde estudam, locaram o livro na biblioteca municipal. As ressonâncias da leitura foram muitas em diferentes velocidades e lentidões; conexões além-livro, além-leitor, além-domingo. “*Que Lindo, que Lindo, que gracinha*” expressou Bárbara em gargalhadas, exigindo continuar a leitura até o fim. O livro-encontro viabilizou encontros que vieram em multiplicidades. A idéia de multiplicidade empregada aqui é entendida na concepção deleuziana (2006). Para tanto, não deve ser designada como uma combinação de múltiplo e de uno, mas, ao contrário, uma organização própria do múltiplo como tal, e que de modo algum tem necessidade da unidade para formar um sistema.

Da mesma forma, o grupo não é entendido como sistema fechado, “mas como o entre, aquilo que está no meio, e não aquilo que se debate entre totalidades capturantes e/ou capturadas que almejam se manter como identidades imutáveis” (BENEVIDES, 2009, p. 290). O grupo é o entre, quando em qualquer um de seus pontos-movimentos, falas expressas, afetos experimentados se abrem como conexão para outras bricolagens. Tomar o grupo pelo meio é abandonar a procura das origens, é não se nortear pelos finalismos já-dados, é privilegiar as conjunções, as inclusões.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Iiiiiiiiiiiiiihhhh!! Lá vem ela!

Beatriz, 14 anos, é uma garota vista com antipatia pelo grupo, embora o mesmo grupo sempre se submetesse às exigências de Beatriz. Ela nunca se mostrou satisfeita com as propostas das atividades; sempre se colocou contra todas as opiniões, contra qualquer vontade de envolvimento por parte dos integrantes. O cartógrafo foi surpreendido pela manifestação de sua própria impotência diante da postura desta jovem tão imperativa. De que se trata esta impotência? Será a nuance de um jogo de poder? A manifestação sutil da exclusão daquela que não se adere? Ou a incapacidade de pensar a “diferença pura”?

Não se tem no presente texto a resposta a estas perguntas. Porém, cabe levar em consideração e refletir acerca daquilo que Deleuze defende sobre a “existência de algo que está para além da nossa percepção dos corpos físicos.” (SCHÖRPKE, 2004, p. 79). Neste contexto, o exprimível, o sentimento de impotência experienciado pelo cartógrafo e a aparente não-aceitação de Beatriz às oficinas propostas, é *alguma coisa*, para além dos corpos físicos, que pode ser considerada, acompanhando Schörpke (2004), como a diferença pura, que não acontece nos corpos, mas que se estabelece entre eles. Um devir, um entre, que produz desterritorialização, uma operação na qual um território se desmancha e um território, por sua vez, é constituído por objetos incorporais.

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Na impotência, o cartógrafo sentiu a necessidade de fazer algo, o que seria? Pensou na dinâmica do chocolate, uma dinâmica na qual o grupo senta-se em círculo e todos ganham o doce, e depois escolhem a quem dar o chocolate acompanhado de um abraço e elogio. A dinâmica prosseguiu, chegou a vez do cartógrafo, ele escolheu Beatriz, dando-lhe o abraço juntamente com o chocolate. Depois desta ação do cartógrafo, foi de imediata percepção a forma como o grupo passou a ser mais receptivo à Beatriz e ela ao grupo. Ficou claro que algo agenciou uma exclusão inconsciente dessa jovem por parte do cartógrafo e que, de alguma forma, influenciou o grupo; houve uma desterritorialização da posição subjetiva do cartógrafo, um devir não-sabia, a ponto de não perceber as linhas invisíveis que sustentavam a relação grupal.

O grupo, declara Benevides (2009), “é essencial para a realização da vida do homem. A grupalidade é uma qualidade inalienável do ser humano. Existem características no indivíduo cuja significação só pode ser entendida quando ele está em grupo.” (BENEVIDES, 2009, p. 143). Para tanto, cabe aos profissionais que lidam com a grupalidade pensar um grupo não como dado, nem como grupo assujeitado, que recebe leis externas, mas sim, percebê-lo como grupo sujeito, que se propõe a pensar suas posições.

Permitir que um grupo ou indivíduo pense suas próprias posições, compreender este grupo no campo de suas

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

singularidades e, aceitá-lo no bojo dos heterogêneos, só é possível através da implicação do aprendiz-cartógrafo, que se coloca na posição de estar junto à experiência e não sobre esta. Tal conduta possibilita encontrar casos particulares, devires, existências em constante obra.

Considerações finais

O trabalho realizado estimula inúmeras indagações que transcendem os limites de um artigo. Acompanhar as vivências de um grupo de crianças e adolescentes à margem da ideia de pontos fixos (começos e fins que arbitrariamente recortam a realidade, adequando-a a uma metodologia reducionista), não foi tarefa de fácil execução, tendo em vista a influência de uma cultura enrijecida pelos moldes do saber/sobre alguma coisa.

O duplo cultural, sob a perspectiva de que para se construir ou compreender algo tem que haver sempre o par professor/aprendiz, foi o grande desafio deste trabalho, uma vez que a proposta ao grupo foi a de fazer teatro e não aprendê-lo. O teatro não como molde, e sim, como instrumento de transformação pessoal e social pela experimentação relacional com o grupo. A proposta oferecida foi a criação livre a partir dos materiais artísticos propostos pelo cartógrafo-monitor das oficinas, além das dobras existenciais de cada integrante.

Esta proposta provocou profundo afeto no grupo, pois os mesmos nunca haviam entrado sequer em um anfiteatro. O termo



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

afeto, nesta escrita, denota o sentido desorientador, que invade de súbito o território seguro, lançando o indivíduo e o outro da relação a outros encontros, outros caminhos, a novas terras, a outros devires. A experiência do vivido transborda, novos mundos se apresentaram sob o teor intensivo das relações. Para Deleuze, as relações que compõem um indivíduo, também o decompõem e o modificam, aumentando ou diminuindo a potência de seu agir.

As produções subjetivas dos integrantes se desenvolveram para fora de seus complexos tais como: baixa-autoestima, falta de perspectiva, desmotivação, agressividade, entre outros, ressignificando seus modos de ser e agir. Há exemplo de Peter, 14 anos, que em 2013, um ano após o término do programa, conseguiu uma bolsa de estudos integral em uma escola profissional de teatro na capital mineira.

É gratificante perceber que, mesmo diante das dificuldades, foi possível, juntamente com o grupo, abrir novos percursos existenciais, através de uma metodologia que está no âmbito do fazer junto e não como imposição de um saber prévio.

Assim, depara-se aqui com a necessidade de abrir campos metodológicos que possibilitem oferecer a uma comunidade, a um grupo, à sociedade, a oportunidade de pensar em sua posição de sujeito de sua própria história, sempre em vias de se fazer pela experiência direta com a realidade.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Referências

- ALMEIDA, Bruno Vasconcelos de. **Clínicas e beatitude** . Curitiba: CRV, 2011.
- ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. “Cartografar é habitar um território existencial” *In* PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** . Porto Alegre: Sulina, 2009. Pista 7, p. 131-149.
- BENEVIDES, Regina. **Grupo: a afirmação de um simulacro** . Porto Alegre: Sulina, 2009.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações** . São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTÁRI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** . São Paulo: Editora 34, 1997, v. IV.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição** . Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- ESCOSSIA, Liliana da; TEDESCO, Silvia. “O coletivo de forças como plano da experiência cartográfica” *In* PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. Pista 5, p. 92- 108.
- GUÉNOUN, Denis, **O teatro é necessário?** São Paulo: Perspectiva, 2004.
- KASTRUP, Virginia; BARROS, Regina Benevides de. “Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia” *In* PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** . Porto Alegre: Sulina, 2009. Pista 4, p. 76-91.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. 11. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1964.
- RANCIÈRE, J. “Política da arte” *In* **SEMINÁRIO DE PRÁTICAS ESTÉTICAS, SOCIAIS E POLÍTICAS EM DEBATE**, 2005, São Paulo. Anais . São Paulo: SESC, 2005. Disponível em: em <http://www.rizomanet.net/interna.php?id=155&secao=artefato> . Acesso em: 18 dez. 2010.
- SCHÖPKE, Regina. **Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade** . Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.